

A Culpa  
é das Estrelas

John Green

ASA



## CAPÍTULO UM

Em finais do inverno do meu décimo sétimo ano, a minha mãe concluiu que eu estava deprimida, presumivelmente porque era raro eu sair de casa, porque eu passava muito tempo na cama, lia o mesmo livro vezes sem conta, comia a horas incertas e dedicava uma grande parte do meu abundante tempo livre a pensar na morte.

Sempre que se lê uma brochura sobre o cancro ou se vai a um *site*, ou coisa parecida, a depressão vem listada como um dos efeitos secundários do cancro. Mas a verdade é que a depressão não é um efeito secundário do cancro. A depressão é um efeito secundário de se estar a morrer. (O cancro também é um efeito secundário de se estar a morrer. Na realidade, quase tudo o é.) Mas a minha mãe acreditava que eu necessitava de tratamento, por isso levou-me a ver o meu médico de família, o Dr. Jim, que concordou que eu estava de facto mergulhada numa depressão paralisante e completamente clínica e que, por esse motivo, não só os meus medicamentos deveriam ser ajustados como eu também deveria frequentar um Grupo de Apoio semanal.

Este Grupo de Apoio exibia um elenco rotativo de personagens em vários estádios de mal-estar provocado por tumores. Porque é que o elenco rodava? Um efeito secundário de se estar a morrer.

Como é evidente, o Grupo de Apoio era deprimente como o diabo. Reunia-se todas as quartas-feiras na cave de uma igreja episcopal que tinha as paredes em pedra e a forma de uma cruz. Todos nos sentávamos em círculo mesmo no meio da cruz, onde as duas tábuas se teriam unido, onde teria estado o coração de Jesus.

Reparei nisto porque Patrick, o líder do Grupo de Apoio e a única pessoa da sala com mais de dezoito anos, falava do coração de Jesus em todos os malditos encontros, de como nós, enquanto jovens sobreviventes ao cancro, estávamos sentados no seio do sagrado coração de Cristo e mais não sei o quê.

Então, o que se passava no coração de Deus era isto: Os seis ou sete ou dez de nós entrávamos a passo/em cadeira de rodas, petiscávamos uma seleção decrépita de bolachas e limonada, sentávamo-nos no Círculo da Confiança e ouvíamos Patrick a contar, pela milésima vez, a história deprimente e desgraçada da sua vida – de como ele tivera cancro nos tomates e de terem pensado que ele ia morrer mas não morreu, e de agora ali estar ele, um adulto completamente formado na cave de uma igreja na 137.<sup>a</sup> cidade mais simpática da América, divorciado, viciado em jogos de computador, quase sem amigos, levando com dificuldade uma vida frágil, com base na exploração do seu passado concertístico, esforçando-se lentamente por obter um diploma que não iria melhorar as suas perspectivas de carreira, esperando, como todos nós, que a espada de Dâmoles lhe proporcionasse o alívio que lhe escapou tantos anos antes, quando o cancro lhe levou as duas bolas mas lhe poupou aquilo a que só uma alma muito generosa poderá chamar de vida.

**E VOCÊS TAMBÉM PODEM TER ESSA SORTE!**

Depois apresentávamo-nos uns aos outros: Nome. Idade. Diagnóstico. E como nos sentimos naquele dia. Sou a Hazel, dizia eu ao chegar a minha vez. Dezasseis. Originalmente, tiroide, mas com uma colónia impressionante e há muito estabelecida nos meus pulmões. E sinto-me bem.

Quando chegávamos ao fim do círculo, Patrick perguntava sempre se alguém queria partilhar. E então começava o impulso de

apoio do círculo: toda a gente a falar de lutar e combater e derrotar e encolher e examinar. Para ser justa para com Patrick, ele também nos deixava falar do facto de se estar a morrer. Mas a maioria não estava a morrer. A maioria iria chegar à idade adulta, tal como aconteceu com Patrick.

(O que se traduzia numa grande competitividade, com toda a gente a querer não só vencer o cancro propriamente dito, mas também as outras pessoas na sala. Como acontece quando, e eu tenho noção de que isto é irracional, mas, quando nos dizem que temos, digamos, vinte por cento de probabilidades de viver cinco anos, a matemática entra em ação e apercebemo-nos de que é uma em cinco... então, olhamos em volta e pensamos, como qualquer pessoa saudável faria: tenho de durar mais do que pelo menos quatro destes sacanas.)

A única faceta redentora do Grupo de Apoio era um miúdo chamado Isaac, um tipo magrinho, de rosto alongado e com o cabelo loiro liso caído por cima de um dos olhos.

E o problema dele eram os olhos. Ele tinha um fantásticamente improvável cancro nos olhos. Um dos olhos fora-lhe retirado em criança, e agora ele usava o tipo de óculos grossos que lhe tornavam os olhos (tanto o verdadeiro como o de vidro) enormes a um ponto sobrenatural, como se toda a sua cabeça não fosse mais do que aquele olho falso e aquele olho verdadeiro que nos fitava. Pelo que pude perceber nas raras ocasiões em que Isaac partilhou com o grupo, uma recorrência colocara o olho que lhe restava em perigo mortal.

Eu e Isaac comunicávamos quase apenas e só por sinais. De cada vez que alguém falava de dietas anticancro ou de snifar barbatana de tubarão moída, ou fosse lá o que fosse, ele olhava para mim de relance e suspirava de modo discreto. Eu abanava a cabeça de maneira impercetível e exalava em resposta.

Portanto, o Grupo de Apoio era uma porcaria, e, passadas algumas semanas, só me apetecia começar aos gritos e pontapés com

aquilo tudo. Na verdade, na quarta-feira em que conheci Augustus Waters, esforcei-me ao máximo para sair do Grupo de Apoio enquanto estava sentada no sofá com a minha mãe, na terceira etapa de uma maratona de doze horas da temporada anterior do *America's Next Top Model*, que eu admito que já tinha visto, mas pronto.

Eu: Recuso-me a frequentar o Grupo de Apoio.

Mãe: Um dos sintomas da depressão é o desinteresse pelas atividades.

Eu: Deixa-me só ver o *America's Next Top Model*, por favor. É uma atividade.

Mãe: A televisão é uma passividade.

Eu: Ai, mãe, poupa-me!

Mãe: Hazel, és uma adolescente. Já não és nenhuma criancinha. Precisas de fazer amigos, sair de casa e viver a tua vida.

Eu: Se queres que eu seja adolescente, não me mandes para o Grupo de Apoio. Compra-me um BI falso, para eu poder ir a discotecas, beber vodka e meter erva.

Mãe: Para começar, não se *mete* erva.

Eu: Vês? Esse é o tipo de coisa que eu saberia, se me arranjasses um BI falso.

Mãe: Tu vais para o Grupo de Apoio.

Eu: AAAAAAAAAAAAAIIIIIIIIIIIII!

Mãe: Hazel, tu mereces ter uma vida.

Aquela calou-me, embora eu não conseguisse perceber a relação entre o facto de frequentar um Grupo de Apoio e a definição de *vida*. Ainda assim, concordei em ir – depois de negociar o direito a gravar os 1,5 episódios do *ANTM* que iria perder.

Fui para o Grupo de Apoio pelo mesmo motivo por que em tempos permitira que enfermeiras como apenas dezoito meses de formação académica me envenenassem com químicos de nomes exóticos: queria deixar os meus pais felizes. Só há uma coisa mais merdosa do que estar apanhada pelo cancro aos dezasseis anos, é ter uma filha apanhada pelo cancro.

Eram 16h56 quando a minha mãe parou o carro no acesso circular atrás da igreja. Só para matar o tempo, por um segundo, fingi estar atrapalhada com a minha botija de oxigénio.

– Queres que ta leve para dentro?

– Não, está tudo bem – disse eu. A botija verde cilíndrica pesava apenas uns quilos, e eu tinha um carrinho de aço para a levar atrás de mim. Fornecia-me dois litros de oxigénio por minuto através de uma cânula, um tubo transparente que se dividia em dois mesmo abaixo do pescoço, para se enrolar atrás das orelhas e tornar a unir-se nas minhas narinas. O aparelho era necessário porque os meus pulmões não prestavam para ser pulmões.

– Eu adoro-te – disse ela, quando eu saí do carro.

– Eu também, mãe. Vemo-nos às seis.

– Faz amigos! – disse ela, através do vidro corrido para baixo, enquanto eu me afastava.

Não quis apanhar o elevador porque apanhar o elevador é uma atividade de Últimos Dias no Grupo de Apoio, por isso desci as escadas. Agarrei numa bolacha, servi-me de limonada num copo de plástico e depois virei-me.

Um rapaz olhava especado para mim.

Eu estava bastante segura de que nunca o tinha visto. Alto e magro, mas musculado, fazia parecer minúscula a cadeira de plástico de escola primária em que estava sentado. Cabelo cor de mogno, liso e curto. Parecia ser da minha idade, talvez um ano mais velho, e estava sentado com o cóccix encostado à beira da cadeira, com uma postura agressivamente desleixada, uma mão semienfiada no bolso das calças de ganga escura.

Desviei o olhar, subitamente consciente da miríade das minhas insuficiências. Tinha vestidas umas calças de ganga antigas, que em tempos tinham sido justas mas que agora me estavam a nadar em sítios estranhos, e uma *T-shirt* amarela de uma banda de que eu já nem gostava. E o meu cabelo: tinha um corte à tigela e nem sequer me dera ao trabalho de o escovar, vá. Além disso, tinha umas bochechas de esquilo ridiculamente gordas, um efeito secundário

dos tratamentos. O meu aspeto era o de uma pessoa de proporções normais mas com cabeça de balão. Isto para nem falar da situação das pernas balofas. Mas, mesmo assim, lancei-lhe um olhar de relance, e ele continuava de olhos postos em mim.

Ocorreu-me o porquê de chamarem a isso *contacto* visual.

Encaminhei-me para o círculo e sentei-me ao lado de Isaac, a duas cadeiras de distância do rapaz. Tornei a olhá-lo de relance. Ele continuava a observar-me.

Ora bem, vou desde já admitir: Ele era uma brasa. Quando um rapaz que não é uma brasa nos fita de modo persistente, isso é, na melhor das hipóteses, constrangedor e, na pior, uma forma de violação. Mas no caso de um rapaz que é uma brasa... bem.

Tirei o telemóvel para fora e premi uma tecla para que apresentasse as horas: 16h59. O círculo encheu-se com os desafortunados jovens dos doze aos dezoito anos e Patrick deu início à sessão com a oração da serenidade: «Meu Deus, dá-me a serenidade para aceitar as coisas que não posso mudar, a coragem para mudar as coisas que posso e a sabedoria para reconhecer a diferença.» O tipo ainda estava a olhar para mim. Senti-me bastante corada.

Por fim, decidi que a estratégia mais adequada era olhá-lo de volta. Afinal de contas, os rapazes não detêm o monopólio da Questão de Olhares. Portanto, pus-me a olhar para ele enquanto Patrick nos dava a conhecer pela milésima vez a sua falta de tomates e etc., e não tardou a que aquilo se transformasse num concurso de olhares. Passado um bocado, o rapaz sorriu, e depois os seus olhos azuis desviaram finalmente o olhar. Quando tornou a olhar para mim, levantei as sobrancelhas para dizer: «Ganhei.»

Ele encolheu os ombros. Patrick prosseguiu, até que por fim chegou a hora das apresentações.

– Isaac, talvez queiras ser tu hoje o primeiro. Sei que estás a atravessar um período complicado.

– Sim – disse Isaac. – Sou o Isaac. Tenho dezassete anos. E, pelos vistos, vou ter de ser operado daqui a duas semanas, para depois ficar cego. Não é para me queixar, nem nada, porque sei que muitos



de nós estão pior, mas sim, quer dizer, ficar cego é uma merda. Mas a minha namorada dá uma ajuda. E os amigos como o Augustus. – Fez sinal com a cabeça na direção do rapaz, que agora tinha um nome. – Portanto, sim – continuou Isaac. Olhava para as mãos, que tinha entrelaçado uma na outra como o cimo de uma tenda índia. – Não há nada que se possa fazer.

– Estamos cá para ti, Isaac – disse Patrick. – Pessoal, digam para o Isaac ouvir.

E então, todos nós, num tom monocórdico, dissemos: - Estamos cá para ti, Isaac.

Seguiu-se Michael. Tinha doze anos. Sofria de leucemia. Sempre sofrera de leucemia. Estava bem. (Ou assim dizia. Ele tinha apanhado o elevador.)

Lida tinha dezasseis anos e era suficientemente bonita para ser o objeto do olhar do rapaz que era uma brasa. Era uma frequentadora habitual – numa longa remissão de um cancro no apêndice, que até então eu nem sabia que existia. Dizia – tal como dissera de todas as outras vezes em que eu fora ao Grupo de Apoio – que se sentia *forte*, o que a mim, que tinha umas protuberâncias que gotejavam oxigénio a fazer-me cócegas nas narinas, me soava a gabarolice.

Houve mais cinco até chegarem a ele. Quando chegou a sua vez, ele fez um ligeiro sorriso. A sua voz era grave, rouca e muito sensual. – O meu nome é Augustus Waters – disse ele. – Tenho dezassete anos. Tive um pequeno arremedo de osteossarcoma há um ano e meio, mas hoje só cá estou a pedido do Isaac.

– E como te sentes? – perguntou Patrick.

– Oh, estou na maior. – Augustus Waters sorriu com um canto da boca. – Estou numa montanha-russa que apenas sobe, meu amigo.

Quando chegou a minha vez, eu disse: – O meu nome é Hazel. Tenho dezasseis anos. Tiroide com metástases nos pulmões. Estou bem.

A hora prosseguiu a bom ritmo. Relataram-se combates, batalhas vencidas em guerras seguramente perdidas; as pessoas agarram-se à

esperança; as famílias foram celebradas e denunciadas; chegou-se à conclusão de que os amigos não percebem; derramaram-se lágrimas; ofereceu-se consolo. Nem eu nem Augustus Waters tornámos a falar até Patrick dizer: – Augustus, talvez queiras partilhar os teus medos com o grupo.

– Os meus medos?

– Sim.

– Tenho medo do esquecimento – disse ele, sem sequer um momento de pausa. – Temo-o tanto como o proverbial cego que tem medo do escuro.

– Cedo demais – disse Isaac, rasgando um sorriso.

– Fui insensível? – perguntou Augustus. – Consigo ser bastante cego em relação aos sentimentos dos outros.

Isaac ria-se, mas Patrick ergueu um dedo reprovador e disse: – Augustus, por favor. Vamos voltar a *ti* e às *tuas* lutas. Disseste que tinhas medo do esquecimento?

– Disse – respondeu Augustus.

Patrick parecia perdido. – Aah... Há alguém que queira falar sobre isso?

Eu não andava na escola oficial há três anos. Os meus pais eram os meus dois melhores amigos. O meu terceiro melhor amigo era um autor que nem sabia que eu existia. Eu era uma pessoa bastante tímida. Não era do tipo de levantar a mão para responder.

E no entanto, desta vez apenas, decidi falar. Levantei discretamente a mão e Patrick, com uma satisfação evidente, disse de imediato: – Hazel! – Tenho a certeza de que depreendeu que eu estava a abrir-me. A tornar-me Parte Do Grupo.

Olhei para Augustus Waters, que me devolveu o olhar. Quase dava para ver através dos olhos dele, de tão azuis que eram. – Chegará uma época – disse eu – em que todos nós estaremos mortos. Todos. Chegará uma época em que não restarão seres humanos para recordar que alguém sequer existiu ou que a nossa espécie alguma vez fez alguma coisa. Não sobrá ninguém nem para recordar Aristóteles ou Cleópatra, quanto mais a ti. Tudo o que fizemos e construímos

e escrevemos e pensámos e descobrimos será esquecido, e tudo isto – fiz um gesto envolvente – terá sido em vão. Talvez essa época esteja para chegar em breve, ou talvez esteja a milhões de anos de distância, mas, mesmo que sobrevivamos ao colapso do nosso Sol, não iremos sobreviver para sempre. Houve uma época antes de os organismos experienciarem a consciência, e haverá uma época depois disso. E se a inevitabilidade do esquecimento humano te preocupa, incito-te a ignorá-lo. Deus sabe que é isso que toda a gente faz.

Eu aprendera isto com o meu suprarreferido terceiro melhor amigo, Peter Van Houten, o autor eremita de *Uma Aflição Imperiosa*, o livro que era a coisa que, para mim, mais se assemelhava a uma Bíblia. Peter Van Houten era a única pessoa com quem eu alguma vez me cruzara que parecia a) perceber o que é estar a morrer e que b) não tinha morrido.

Depois de eu terminar, fez-se um longo período de silêncio, enquanto eu via um sorriso a espalhar-se por todo o rosto de Augustus – não o sorriso algo enviesado do rapaz que tentava ser sensual enquanto me fitava, mas o seu verdadeiro sorriso, demasiado grande para a sua cara. – Que diabo – disse Augustus, baixinho. – És mesmo qualquer coisa.

Nenhum de nós disse mais nada durante o resto da reunião do Grupo de Apoio. No final, todos tivemos de dar as mãos, e Patrick conduziu-nos numa oração. – Senhor Jesus Cristo, estamos aqui reunidos no Teu coração, *literalmente no Teu coração*, enquanto sobreviventes ao cancro. Tu e só Tu nos conheces como nós nos conhecemos a nós mesmos. Guia-nos para a vida e a Luz através dos nossos períodos de provação. Rezamos pelos olhos do Isaac, pelo sangue do Michael e do Jamie, pelos ossos do Augustus, pelos pulmões da Hazel, pela garganta do James. Rezamos para que nos possas curar e para que possamos sentir o Teu amor e a Tua paz, que ultrapassa todo o entendimento. E nos nossos corações recordamos aqueles que conhecíamos e amávamos e que foram para casa ter contigo: a Maria, e a Kade, e o Joseph, e a Haley, e a Abigail, e a Angelina, e o Taylor, e o Gabriel e...

A lista era longa. O mundo contém imensas pessoas mortas. E enquanto Patrick prosseguia de modo ininterrupto, lendo a lista numa folha de papel por ser demasiado comprida para decorar, eu mantive os olhos fechados, tentando pensar de modo devoto mas sobretudo imaginando o dia em que o meu nome iria encontrar o seu lugar naquela lista, bem lá no final, quando toda a gente já tinha parado de ouvir.

Quando Patrick terminou, dissemos juntos um mantra parvo – VIVER HOJE A NOSSA MELHOR VIDA – e a reunião acabou. Augustus Waters impulsionou-se para se levantar da cadeira e encaminhou-se para mim. O seu modo de andar era enviesado como o seu sorriso. Agigantou-se sobre mim, mas manteve a distância, para eu não ter de esticar o pescoço para o olhar nos olhos. – Como te chamas? – perguntou ele.

– Hazel.

– Não. Quero saber o teu nome completo.

– Humm. Hazel Grace Lancaster. – Ele estava prestes a dizer qualquer coisa quando Isaac se aproximou.

– Espera um pouco – disse Augustus, levantando um dedo e virando-se para Isaac. – Na verdade, foi pior do que sugeriste que seria.

– Eu disse-te que era deprimente.

– Porque é que te ralas com isso?

– Não sei. Porque ajuda, de alguma maneira?

Augustus inclinou-se para a frente, pensando que eu não ouviria. – Ela costuma cá vir? – Não consegui ouvir o comentário de Isaac, mas Augustus respondeu: – Não me digas. – Agarrou Isaac pelos dois ombros e afastou-se meio passo dele. – Conta à Hazel a história da clínica.

Isaac encostou uma mão à mesa de guloseimas e concentrou o seu olho enorme em mim. – Ora bem, então, esta manhã fui à clínica e disse ao meu cirurgião que preferia ficar surdo do que cego. E ele disse: «As coisas não funcionam assim.» E eu, tipo: «Pois, eu percebo que não funcionem assim; só estou a dizer que preferia ficar

surdo do que cego, se tivesse escolha, coisa que sei que não tenho.» E ele disse: «Bem, a boa notícia é que não vais ficar surdo.» E eu: «Obrigado por me explicar que o meu cancro no olho não me vai deixar surdo. Sinto-me tão afortunado por um gigante intelectual como o senhor doutor se dignar a operar-me.»

– Parece-me ser um vencedor – disse eu. – Vou tentar arranjar um cancro no olho só para poder conhecer esse fulano.

– Boa sorte com isso. Bem, tenho de ir. A Monica está à minha espera. Tenho de olhar muito para ela enquanto posso.

– Contrainsurreição amanhã? – perguntou Augustus.

– Decididamente. – Isaac virou-se e correu pelas escadas acima, subindo dois degraus de cada vez.

Augustus Waters virou-se para mim. – Literalmente – disse ele.

– Literalmente? – perguntei.

– Estamos literalmente no coração de Jesus – disse ele. – Pensava que estávamos na cave de uma igreja, mas estamos literalmente no coração de Jesus.

– Alguém devia dizer a Jesus – disse eu. – Quer dizer, deve ser perigoso, alojar crianças com cancro no nosso coração.

– Eu próprio Lhe diria – disse Augustus –, mas, por azar, estou literalmente encurralado no interior do Seu coração, por isso Ele não consegue ouvir-me. – Ri-me. Ele abanou a cabeça, limitando-se a olhar para mim.

– O que foi? – perguntei.

– Nada – disse ele.

– Porque é que estás a olhar assim para mim?

Augustus esboçou um sorriso. – Porque és linda. Agrada-me olhar para pessoas bonitas, e já há uns tempos que decidi que não negaria a mim próprio os prazeres mais simples da existência. – Sucedeu-se um silêncio breve e constrangedor. Augustus rompeu-o: – Quer dizer, sobretudo quando se dá o caso de que, tal como tu tão deliciosamente realçaste, tudo isto irá acabar em esquecimento.

Eu engasguei-me ou suspirei ou exalei de uma maneira vagamente tísica e depois disse: – Eu não sou boni...

– És uma espécie de Natalie Portman do novo milénio. Como a Natalie Portman do *V de Vingança*.

– Nunca vi – disse eu.

– A sério? – perguntou ele. – Uma miúda giríssima com cabelo de duende detesta a autoridade e não consegue evitar apaixonar-se por um rapaz que ela sabe que só lhe vai trazer sarilhos. É a tua autobiografia, pelo que me é dado a entender.

Cada sílaba dele era sedutora. Para ser sincera, ele deixava-me um pouco excitada. Eu nem sequer sabia que os rapazes *conseguiam* deixar-me excitada – pelo menos, não na vida real.

Uma rapariga mais nova passou por nós.

– Tudo bem, Alisa? – perguntou ele.

Ela sorriu e balbuciou: – Olá Augustus.

– Pessoal do Memorial – explicou ele. O Memorial era o grande hospital de investigação. – A qual é que vais?

– Ao pediátrico – disse eu, com a voz a sair-me mais fininha do que eu estava à espera. Ele assentiu com a cabeça. A conversa parecia terminada. – Bem – disse eu, acenando ao de leve com a cabeça para os degraus que nos conduziam à saída do Literal Coração de Jesus. Inclinei o meu carrinho sobre as rodas e comecei a andar. Ele veio a coxear ao meu lado. – Então, vemo-nos da próxima vez, quem sabe? – perguntei.

– Devias vê-lo – disse ele. – O *V de Vingança*, quero eu dizer.

– Está bem – disse eu. – Vou procurar.

– Não. Comigo. Na minha casa – disse ele. – Agora.

Parei de andar. – Mal te conheço, Augustus Waters. Podias ser um assassino com um machado.

Ele assentiu com a cabeça. – Tens razão, Hazel Grace. – Passou por mim, com os ombros a encher-lhe o polo verde, as costas direitas, os passos a desviarem-se um pouquinho para a direita enquanto caminhava de modo estável e confiante sobre o que eu determinara ser uma perna protética. Por vezes, o osteossarcoma leva uma perna, para ver como é a pessoa. Depois, se gostar, leva o resto.

Segui-o pelas escadas acima, perdendo terreno à medida que ia subindo devagar, pois as escadas não são uma das especialidades dos meus pulmões.

E depois saímos do coração de Jesus para o parque de estacionamento, com o ar primaveril a roçar a perfeição, o celestial sofrimento da luz de fim de tarde.

A minha mãe ainda não estava lá, o que era estranho, uma vez que ela estava quase sempre à minha espera. Olhei de relance em volta e vi uma morena alta e voluptuosa a encostar Isaac à parede de pedra da igreja, beijando-o de um modo algo agressivo. Estavam suficientemente perto de mim para eu ouvir os barulhos esquisitos da união das suas bocas, por isso consegui ouvi-lo a dizer «Para sempre» e ela a responder-lhe «Para sempre».

De repente, Augustus pôs-se ao meu lado e sussurrou a meia voz: – Acreditam piamente nas manifestações públicas de afeto.

– O que é aquilo do «para sempre»? – Os sorvidos intensificaram-se.

– «Para sempre» é a cena deles. Hão de amar-se *para sempre*, e sei lá mais o quê. Fazendo uma estimativa por baixo, eu diria que, no último ano, eles mandaram um ao outro quatro milhões de mensagens com a expressão *para sempre*.

Chegaram mais dois carros, que levaram Michael e Alisa. Agora só lá estávamos eu e Augustus, a observamos Isaac e Monica, que prosseguiam rapidamente, como se não estivessem encostados a um local de culto. A mão dele chegou-lhe à mama debaixo da *T-shirt* e apalpou-a, com a palma da mão quieta enquanto os dedos se mexiam em redor. Pus-me a pensar se aquilo saberia bem. Não tinha ar disso, mas eu decidi perdoar a Isaac devido ao facto de ele estar a ficar cego. Os sentidos devem banquetear-se enquanto há fome, e mais não sei o quê.

– Imagina fazer aquela última viagem para o hospital – disse eu, baixinho. – A última vez que se conduz um carro.

Sem olhar para mim, Augustus disse: – Estás a dar cabo da minha onda, Hazel Grace. Estou a tentar observar o amor jovem na sua estranheza de grande esplendor.

– Acho que ele lhe está a aleijar a mama – disse eu.

– Sim, é difícil determinar se ele está a tentar excitá-la ou a proceder a um exame ao peito. – Foi então que Augustus Waters levou a mão ao bolso e tirou de lá um maço de tabaco, nem mais nem menos. Abriu-o e colocou um cigarro entre os lábios.

– Estás a falar *a sério*? – perguntei. – Achas que isso dá estilo? Oh, meu Deus, acabaste de estragar *a cena toda*.

– Qual cena toda? – perguntou ele, virando-se para mim. O cigarro pendia-lhe, por acender, do canto da boca que não sorria.

– A cena toda em que um rapaz que não é pouco atraente nem pouco inteligente ou que de algum modo não parece ser inaceitável olha espocado para mim e salienta utilizações incorretas da literalidade e me compara a atrizes de cinema e me convida para ver um filme na sua casa. Mas existe sempre uma *hamartia*, claro está, e a tua é a de que, oh, meu Deus, apesar de sofreres do MALDITO CANCRO, dás dinheiro a uma empresa em troca da oportunidade de adquirires MAIS CANCRO AINDA. Valha-me Deus. Deixa-me só assegurar-te de que não ser capaz de respirar é UMA MERDA. Uma enorme desilusão. *Enorme*.

– Uma *hamartia*? – perguntou ele, ainda com o cigarro na boca. Comprimiu o maxilar. Infelizmente, tinha uma queixada do caraças.

– Um erro fatal – expliquei, virando-lhe as costas. Dei um passo na direção da berma, deixando Augustus Waters atrás de mim, e foi então que ouvi um carro a começar a descer a rua. Era a minha mãe. Tinha estado à espera de que eu fizesse amizade, ou coisa parecida.

Senti uma sensação estranha de desilusão e raiva a crescer dentro de mim. Nem sequer sei bem que sensação era aquela, na verdade, só que era muito *intensa*, e apetecia-me dar um murro a Augustus e também substituir os meus pulmões por pulmões que prestassem para ser pulmões. Eu estava parada com os meus *All Star* à beirinha do passeio, com a botija de oxigénio aferrolhada ao carrinho ao meu lado, e, assim que a minha mãe encostou o carro, senti uma mão a agarrar a minha.



Soltei a mão com um sacolejo mas virei-me para ele.

– Se não os acenderes, não te matam – disse ele, quando a minha mãe chegou à berma. – E eu nunca acendi nenhum. É uma metáfora, percebes? Colocas o objeto que mata no meio dos dentes, mas não lhe concedes o poder de matar.

– É uma metáfora – disse eu, desconfiada. A minha mãe estava apenas a fazer tempo.

– É uma metáfora – disse ele.

– Os nossos comportamentos são escolhidos com base nos seus sentidos metafóricos... – disse eu.

– É isso mesmo. – Ele sorriu. Um sorriso genuíno, aberto e apatetado. – Sou um grande defensor das metáforas, Hazel Grace.

Virei-me para o carro. Bati no vidro. A janela desceu. – Vou ver um filme com o Augustus Waters – disse eu. – Grava-me a próxima série de episódios do *ANTM*, por favor.

